

# Órfãos do Couto Maia na Cidade Baixa

**Fernanda Lima\***

REPORTAGEM  
fernanda.lima@redebahia.com.br

**Sem destino definido para o prédio, região amarga prejuízos**

É quase meio-dia e as cadeiras dos restaurantes e quiosques da Rua Rio São Francisco, no Monte Serrat, estão vazias. Desde o dia 9 de julho de

2018, quando as portas do Hospital Couto Maia abriram pela última vez, o bairro vive as consequências deixadas pelo vazio. Os moradores acompanham as mudanças e os comerciantes sofrem a queda dos lucros, enquanto esperam sem definição o futuro da unidade que, por 165 anos, delineou parte da vida econômica e social da região.

Fosse nove meses atrás, Maria do Carmo, 73, sequer conseguiria tempo para conversar. "Só estou conseguindo manter o restaurante porque é próprio", acredita a senhora que, há 40 anos, vive

do comércio naquele lugar. A estimativa é de uma queda de 80% nas vendas, decorrentes da transferência do hospital para Águas Claras.

A Secretária da Saúde do Estado da Bahia (Sesab) afirma que os projetos para o imóvel estão em fase de pesquisa mas sem previsão de entrega.

A promessa era transformar a unidade em um centro de cuidados para pacientes crônicos. Agora, restam as especulações. Será o Couto Maia, no futuro, uma unidade de tratamento de dependências químicas? Ou uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA)? Um museu? Há sempre uma teoria.

Na porta de seu restaurante, criado há três anos para atender a demanda dos visitantes dos pacientes, Paulo Roberto, 52, vê a rotina mudar bruscamente. Se antes vendia 15 quentinhas por dia, hoje não vende três. Mensalmente, 1,5 mil pessoas eram atendidas nos 97 leitos do Couto Maia, de acordo com a Sesab. Além dos 500 funcionários. Eram os clientes em potencial.

Hoje, apenas o outro vizinho - Hospital Sagrada Família - não consegue movimentar a economia local como fazia o centro de referência no tratamento de doenças infecciosas na Bahia. "Quando chega 16h, já é um esmo. Eles falam que inauguraram, mas cadê o novo? Agora, temos que competir por três clientes que saem de lá", conta Paulo.

O café da manhã e o almoço costumavam ser os momentos de maior movimento. O tratamento geralmente longo dos enfermos impunha uma nova rotina aos acompanhantes. Na banca da família de Cleonice Santana, 54, os bolos, salgados e café eram os favoritos. Na semana passada, decidiram que venderiam somente bolo - e assado em casa. "Simplesmente fechou e ficamos sem nada", diz.

O vazio da rua começa a ameaçar o trabalho. "Se não há cliente, a gente não vende", desabafa Manoel Messias, 71, sentado em frente ao seu quiosque. Como diminuiu o movimento, também cresceu a sensação de insegurança. "Aumentou o número de assaltos. A população ficou sem recursos", lamentou Marcos Zanata, segurança do entorno há 23 anos. Em nota, a Polícia Militar informou que a segurança na região segue a mesma de antes.

Nos últimos três meses, dois incêndios na vegetação do terreno do Couto Maia também acenderam o alerta. O fogo foi interrompido, mas ficou a preocupação com os cinco pavilhões do hospital. De certa forma, no entanto, aquele vazio sempre foi temido. Desde as primeiras décadas, a localização e a estrutura do Couto Maia são colocadas em dúvida.

**COM SUPERVISÃO DO CHEFE DE REPORTAGEM JORGE GAUTHIER E DA EDITORA MARIANA RIOS**



Lojas no entorno do antigo hospital sofrem com a falta de clientes

## Local do hospital sempre alvo de dúvida

No dia 25 de janeiro de 2013, a MRM Construtora e a SM Gestão Hospitalar venceram a licitação da parceria público-privada com o governo estadual para construir o Instituto Couto Maia (Icom). Foram R\$ 120 milhões investidos. Exatos 102 anos atrás, Augusto de Couto Maia, o mais conhecido diretor da unidade, estava convencido de que o hospital

deveria migrar para um bairro central deixando a Cidade Baixa.

Mas a construção dos pavilhões, iniciada em 1917 e encerrada em 1925, permanece ali. Seguiram, no entanto, as especulações de mudança.

Em 1995, o então diretor da unidade, José Tavares, sugeriu migrar para a Avenida Vasco da Gama. Não saiu do papel. Diferentemente do que afirmam funcionários, a Sesab nega qualquer condenação de área no hospital, apesar das rotineiras suspeitas de transferência. "Não conseguimos nos adequar", argumenta a atual diretora, Ceuci Nunes.

O problema não é o novo Couto Maia, em Águas Claras. O hospital quase triplicou de tamanho - de 6 mil m<sup>2</sup> para 17 mil m<sup>2</sup> - e expandiu os atendimentos para urgência e emergência. A questão, para quem vive em Monte Serrat e os empregados residentes no bairro, é entender o que será feito do espaço que serviu a região por décadas.



**“É uma tristeza. Beneficiava muita gente. Estou esperando uma providência de Deus Maria do Carmo, 73, comerciante**

Dona de restaurante vê lucros caírem em até 80% diante do vazio deixado pelo Couto Maia



Unidade de referência funcionou na Cidade Baixa por 165 anos



**●● Eles falam que inauguraram, mas cadê o novo? Não abriu nada, substituiu Paulo Garcia, 52**

Comerciante decidiu abrir o restaurante para lucrar com o movimento no bairro

# 165

**anos foi o período que o Couto Maia ficou instalado em Monte Serrat, na Cidade Baixa**

## Hospital favoreceu o bairro Monte Serrat

O século 19 foi o século da higienização. Os hospitais passam a ser criados em locais afastados, como se, assim, estivesse livre das infecções a população. É o caso do Couto Maia, instalado em Monte Serrat, em 1853, região pouco habitada de Salvador, com exceção de uma classe média empregada nas fábricas da Península de Itapagipe e das famílias em veraneio.

O historiador e arquiteto Chico Senna conta que, por isso, a presença das igrejas dos hospitais Couto Maia e Sagrada Família, de 1943, foram fundamentais para o Monte Serrat. "Praias bucólicas, local tranquilo, clima bom. O Couto Maia ficava praticamente isolado", argumenta.

As construções residenciais erguiam-se também em função desses locais. Hoje, são 6,6 mil moradores em Monte



FOTOS DE EVANDRO VEGA  
Prédio onde funcionou o hospital segue fechado, ainda sem planos

Serrat, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). "A permanência ou retirada [do hospital] causa impacto, porque aquilo ali está inserido no contato da população desde o século 19. [...] A preocupação é qual é o impacto", acrescenta o historiador.

A área da construção do Couto Maia é uma fazenda arrendada pelo governo. Inicialmente, alguns moradores até resistem. Afinal, ali internavam-se doentes de febre amarela, febre tifoide, varíola. "O impacto era o medo do contágio. Mas a convivência foi mudando", conta a fun-

cionária Maria de Fátima Lorenzo, com mestrado dedicado à história do hospital onde trabalha há 30 anos.

Mas logo integram o hospital à rotina da região, o que aconteceu até 2018. "Querendo ou não, era uma referência. A gente vinha quando precisava... O que é absurdo é deixar fechado", lamenta Simone Franco, 46, moradora do bairro.

No ano de 1997 e novamente em 2013, há tentativa de tombamento da estrutura do hospital junto ao Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Ipac). Nenhuma surtiu efeito. Da última vez,

### COUTO MAIA NO TEMPO

**1853 Hospício de São Bento é transformado no Hospital de Isolamento Mont-Serrat**

**1917** Construção do Couto Maia

**1925** Inaugurado Hospital Couto Maia

**1992** Reforma do hospital

**1995** Tentativa de mudança para a Avenida Vasco da Gama

**2012** Início da construção do novo Couto Maia

**2018** Desativação do Couto Maia na Cidade Baixa e transferência para Águas Claras

informou o Ipac, o corpo técnico julgou que a solicitação deveria ser feita no âmbito municipal, o que não ocorreu.

É impossível mensurar, hoje, o impacto oficial da saída do hospital. A atual concessionária responsável pelo Icom não tem responsabilidade sobre o destino do antigo Couto Maia, já que a licitação corresponde apenas à nova unidade. "Estou esperando uma providência de Deus", desabafa Maria do Carmo. A Secretaria da Saúde do Estado da Bahia (Se-sab) informou que não há prazo para divulgação do que será feito no local.

**Se Ligue! Shows**

ASSINANTES TÊM **40% DE DESCONTO**

Apresente o seu Clube Correio e adquira o ingresso com 40% de desconto na bilheteria da TCA. O desconto é válido sobre o valor da inteira.

**18**

**moraes & davi moreira & moraes**  
E BANDA

*No Teatro do Poeta*

03 de maio | Sala Principal do TCA | 21 horas

REALIZAÇÃO: **INS PIRE!**

VENDAS: **ingresso rápido**  
ingresso.rapido.com.br

• ENO TCA •

**Se Ligue! Teatro**

**45% DE DESCONTO**

Apresente o seu Clube Correio e adquira o ingresso com 45% de desconto na bilheteria do teatro. O desconto é válido sobre o valor da inteira.

**ANIMADOS ZOO** APRESENTA: **BABY SHARK**  
A Barbatana Perdida

Vendas: **MALWEE KIDS**  
1100 Salazar Shopping

Apresentado por: **Clube Correio**

Realização: **GMAS**

**18 e 19 de Maio 17h**  
**Teatro Jorge Amado**

Saiba mais:  
LIGUE PARA 71 3533-3030 (CAPITAL)  
ou acesse: [www.clubecorreio.com.br](http://www.clubecorreio.com.br)

**Clube Correio**  
SUA TELA É O NOSSO PALCO

É obrigatória a apresentação do cartão Clube Correio e documento de identificação no acesso ao evento. Benefício pessoal e intransferível. O Jornal Correio não se responsabiliza por eventuais mudanças e/ou cancelamentos que possam ocorrer com o evento, que são de responsabilidade da empresa parceira. Limitado a compra de 01 ingresso por cartão Clube Correio.

